



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

BULLYING ESCOLAR E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Maria Sizino de Lira

Ivanete Maria Silva Alves

Celia Nonata da Silva

Ivaci Bomfim Pinheiro

Lucineide Maria de Jesus Santos¹

Antônio Marques da Silva²

Maria Vilma da Silva³

RESUMO

O presente artigo mostra que o *bullying* escolar é um fenômeno novo, pois a violência que o caracteriza sempre existiu. Este fato estar presente em qualquer lugar onde haja relações interpessoais, porém é no cotidiano escolar com alunos e professores que ele se desenvolve de maneira perversa. Propor-nos através deste trabalho uma reflexão no âmbito escolar e tendo como objetivo promover intervenções que possam gerar campanhas e novos procedimentos referentes a inclusão escolar, logo, afastando o aluno do preconceito e a discriminação. O artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica em livros, via *internet* e documentários. O intuito final foi aprimorar o conhecimento para a construção de práticas que transformem a realidade escolar, de tal modo que a comunidade educacional seja conscientizada e a democracia exercida. Nota-se que a maioria das escolas tem se esforçado para entender e orientar seus profissionais, estudantes e pais. As medidas adotadas pela a escola para o controle do *bullying* escolar se bem aplicadas contribuíram positivamente para a formação de uma cultura de não violência na escola.

Palavras-chave: *Bullying*, Escola, Inclusão

¹ E-mail: lucineidealagoas@hotmail.com

² E-mail: amsarquiteto@hotmail.com

³ E-mail: vilma.educacao@gmail.com

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um problema que existe em todas as escolas, ainda assim poucas tem consciência de sua existência ou mesmo das graves consequências advindas destes atos cruéis e intimidadores. Mesmo na instituição de ensino, espaço reservado para a educação e construção de valores a presença da violência é constante, e como define Fante 2005:

“o *bullying* é uma forma de violência que acontece de forma vedada, por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e respectivos atos contra uma mesma vítima” e com grande poder destrutivo, pois fere a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser- a alma”.

Há um consenso de que este fenômeno não é exclusivo de um único ambiente, podendo acontecer em qualquer lugar onde haja relação interpessoal. Somente, há pouco mais de trinta anos o *bullying* começou-se a ser estudado sob parâmetros psicossociais e científicos, recebendo a denominação específica pela a qual é conhecida atualmente em todo o mundo.

Desde a década de 80, na Europa, os pesquisadores da mente humana iniciaram a nobre tarefa de nomear determinadas

condutas de jovens e seus universos acadêmicos. Estes estudos fizeram a distinção de brincadeiras naturais, saudáveis e típicas da vida estudantil daquelas que ganham requintes de crueldade e extrapolam todos os limites de respeito pelo o outro. Com isso, as brincadeiras podem acontecer de forma natural e espontânea entre os alunos, assim estes brincam colocam apelidos nos outros, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando “brincadeiras repletas de segunda intenções” e de perversidade, elas se tornam em atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um.

A partir disso, é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem, mas quando apenas alguns se envolvem em meio a sofrimento de terceiros, isto ganha uma outra conotação. Nessa situação específica, utiliza-se o termo *bullying*, e o citado abrange todas as ações de violência (física, verbal, psicológica), que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos.

Por afetar a estrutura psicológica e o comportamento não só na infância como na vida adulta o *bullying* pode ser definido como um problema de saúde pública e, por isto, deveria adentrar na pauta de todos os

profissionais que procuram soluções para uma sociedade mais saudável e atuante.

A falta de conhecimento, do funcionamento e das consequências que *bullying* propicia tem tido um aumento desordenado no número e na gravidade dos casos, assim mostrando a situações trágicas e isoladas ou coletivas que poderiam ser evitados.

Segundo Dan Olweus 2006, psicólogo norueguês e importante pesquisador sobre o assunto, pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e adolescentes, pois são eles que passam mais tempo com o indivíduo e devido a isso poderão ter uma maior facilidade de identificar mudanças de atitudes dos mesmos. Cada personagem desse drama apresenta um comportamento individualizado, tanto na escola quanto em seus lares. Perceber os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que a escola e a família possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*.

Talvez o maior desafio na identificação dos atores dessa triste “peça” chamada *bullying* seja distinguir os agressores que possam ser dissuadidos desse papel, e onde passem a se transformar em guerreiros contra a violência escolar, no entanto, os ofensores, mesmo com atitudes erradas merecem nossa ajuda e precisam

dela, pois estes sofrem com seus atos e suas respectivas consequências, é justamente o sentido de culpa, remorso ou arrependimento diante suas ações que nos dá a plena certeza dos comportamentos transitórios. Sua essência é boa e estão à espera de alguém que o resgate de maneira adequada. Perceber e ser ativo nessas diferença e/ou ajuda é de fundamental importância para os envolvidos.

Dessa forma, torna-se possível elaborar métodos escolares e sociais que possam ajudar a recuperar os jovens que se comportam de maneira agressiva, violenta ou em função de circunstâncias desfavoráveis nas quais estejam envolvidas.

2 COMO IDENTIFICAR UMA CRIANÇA QUE SOFRE BULLYING?

Mudanças de comportamento são sinais importantes e podem evidenciar aos pais que os filhos estão sendo vítimas de *bullying*. A criança ou o adolescente pode repetidamente apresentar:

- Não querer mais frequentar as aulas;
- Pedir para mudar de turma;
- Apresentar queda no rendimento escolar;
- Passar a ter déficit de atenção;

- Demonstrar sintomas físicos como; dor de cabeça ou estômago, suor frio, e indicar um elevando índice de angústia a que está sendo submetido.

2.1 O QUE FAZER PARA AJUDAR UMA VÍTIMA DE BULLYING?

O indivíduo que tenha sofrido qualquer tipo de ameaça verbal, física ou psicológica precisa de ajuda e necessita ser protegido. Os adultos devem informar a criança ou adolescente que o ato sofrido por ela será cuidado pela a família, a escola, a comunidade e pelas as autoridades da lei. Muito importante também é deixar claro para a vítima, seja qual for a sua idade, que ela não é culpada pelas as perseguições sofridas, reafirmando que ela tem valores e qualidades onde devem ser respeitados.

Os pais devem sempre se mostrar disponíveis a escutar seus filhos, permitindo-o que seus sentimentos diante as ameaças e agressões sejam expresso. Os responsáveis pelos os menores devem evitar críticas quando eles não souberem lhe dar com a situação, com isso sua presença é de fundamental importância para que a criança saiba “resolver a situação”. De modo que a autora Fante menciona:

“é oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação ao

filho e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicada e nem sempre os pais se dão conta que certos comportamentos que os filhos apresentam são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que são percebidos por eles, muito menos procuram checar e, refletir se que o filho estar realmente aprendendo tem relação como aquilo que “eles pensam” que está sendo ensinado”. (Fante 2005, p. 76).

A partir da citação compreende-se que Cleo Fante afirma que os pais precisam repensar nas suas condutas, logo eles são os primeiros educadores de seus filhos, são referência e por isso precisam construir um ambiente tranquilo, educativo e seguro.

3 A ESCOLA COMO ESPAÇO INCLUSIVO

A escola pra a ser considerado um espaço inclusivo, precisa deixar de ser uma instituição burocrática que apenas cumpre as normas estabelecidas pelos os níveis centrais, para tal a mesma deve se transformar num espaço de decisão, ajustando-se ao seu contexto real e respondendo os desafios o cotidiano.

O espaço escolar, hoje, tem que ser visto como um ambiente para todos, portanto, o que se deseja na realidade é a construção de uma sociedade inclusiva e compromissada com a minoria (neste grupo

estão os portadores de necessidades educativas especiais). Assim, necessitamos de uma escola que aprenda a refletir, não tendo medo de se arriscar, mostrando muita coragem de criar e questionar o que estar sendo estabelecido, assim indo em busca de inovações necessárias para a inclusão.

Compreende-se que o aluno portador de necessidades educativas especiais deve ser respeitado, suas limitações compreendidas, seus pontos fortes descobertos e valorizados, e para isso acontecer é necessário abandonar os métodos tradicionais e as classificações.

A inclusão escolar é um sistema educativo no qual todas as crianças deveriam estar necessariamente em escolas regulares e em classes comuns, sem segregação. Para esses tipos de realizações são necessários processos dinâmicos e participação de pessoas num contexto de relações e interações com os diversos grupos sociais. Este processo é gradual e dinâmico e pode adotar formas diferentes de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos, assim, passando a ser conceitualizada como um ato de educar e ensinar crianças ditas normais com crianças portadoras de deficiências.

O trabalho desenvolvido para receber o portador de deficiência na escola já é realizado, no entanto, é necessário mais mudanças, adaptações, hábitos, atitudes e uma política de não rejeição destes. Trocas

interativas com a plena aceitação dos portadores de necessidades especiais é fundamental para a valorização da sua auto imagem e auto estima.

A escola é um espaço social privilegiado para o debate, e isto ocorre devido as funções políticas, por conta deste fator a mesma passa a ser inclusiva, isto é, a escola é de todos desenvolvendo funções para todos. De acordo com Demo, 1990:

“a educação inclusiva tem sido conceituada como um processo de educar conjuntamente e de maneira incondicional, nas classes de ensino comum, alunos ditos normais com alunos portadores de deficiência, assim, apresentando necessidades especiais educacionais. A inclusão beneficia a todos uma vez que sadios os sentimentos de respeito a diferença, de cooperação e de solidariedade podem desenvolver”.

4. SOCIEDADE E DEFICIÊNCIA

Em todos os grupos sociais a palavra deficiência adquire um valor cultural. As atitudes desempenham seu papel na determinação dos indivíduos portadores, assim, eles não recebem um valor qualitativo que mereciam. Segundo Rilas (1985):

“no brasil a deficiência nos remete a uma questão social. A incidência de deficiência é a maior em países em desenvolvimento. Os deficientes do terceiro mundo “são pessoas para quem as condições de vida são pobreza, a fome, a miséria a falta de perspectivas”

Já para Moura (1992) num país em que a qualidade mínima de vida é determinada pela a quantidade de dinheiro que se recebe ou se tem no final do mês, é claro que a instalação de uma deficiência terá diferentes preços, de acordo com a classe social a que o indivíduo pertence.

O sentido da deficiência na vida de uma pessoa é produto do entrelaçamento de sua história pessoal com o meio social onde se vive. Sobre o indivíduo considerado deficiente incidirá o estigma da “incapacidade” e “invalidez”.

Para Sá (1992) a aceitação e a integração das pessoas deficientes é ainda objeto de muitos discursos e racionalização. A corrente máxima de que “somos todos iguais” serve mais para obscurecer o preconceito e justificar a exclusão, do que para reconhecer a diferença. Há uma dicotomia e ambiguidade de atitudes e ações na exposição e imposição da deficiência. As intenções parecem claras, mas sóbrios parecem os afetos e desejos que moldam uma imagem social negativa ao redor da pessoa deficiente, criando estereótipos e rotulações.

A situação é dramática e frustrante para uma pessoa envolvida com deficiência física, psicologia, assim, a deficiência social passa a ser sofrida individualmente, devido a este fator o acesso a um processo de reabilitação mais adequado e sofisticado fica cada vez mais dificultado.

O portador de uma deficiência que convive numa classe social mais baixa tem as piores perspectivas, logo as suas possibilidades são mínimas de crescer neste mundo. Já o portador de classes mais privilegiadas tem maiores chances de ser bem sucedidos, logo as possibilidades e acessibilidades são maiores. Segundo Moura (200) “os deficientes das camadas sociais ricas apresentam sentimentos positivos e comportamentos de lua bem acentuados”.

Figueiredo (2002) nos diz “que a educação inclusiva deve ser um espaço para todos os alunos, deve-se inserir na escola todos os excluídos, garantir qualidade na educação, diversidade, evitando as práticas excluínates”

Trabalhar numa educação inclusiva é respeitar os diferentes saberes, compreender que não existe pessoas piores ou melhores, e sim, que existe homens e mulheres vivendo em sociedade que muitas vezes os exclui, esquecendo de valorizar o ser.

CONCLUSÃO

A partir do assunto discorrido entende-se que a educação de qualidade é aquela que promove o meio favorável a todos, garantindo não somente o acesso, mas a permanência de seus alunos na escola. É a diversidade cultural, nacional, física, política, emocional, intelectual, cognitiva e social que sucinta numa reflexão total de quem somos e a relação mais solidária com o nosso próximo. Para isto, será necessário quebrar resistências, romper barreiras físicas e atitudinais, enfrentar conflitos e contradições, rever estratégias de aprendizagem com ênfase na construção coletiva.

Ensinar a criança a aprender é desenvolver o seu potencial a partir de sua realidade pessoal, requer, assim, por parte dos professores maior sensibilidade e pensamento crítico a respeito de sua prática pedagógica. Ela precisa ter sempre a oportunidade de socializar o seu saber específico junto aos outros profissionais da equipe, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

Os métodos oferecidos na escola tem como fundamento a busca de alternativas que minimizam as diferenças entre os alunos sem deficiência com os portadores. Para os alunos com necessidades especiais devem ser oferecidos metodologias, objetivos e

práticas pedagógicas diferenciadas, logo cada uma aprende em um tempo e de um modo.

Pode-se então concluir que a escola como espaço inclusivo deve ter como desafio o sucesso de todos os alunos, sem exceção alguma. A não garantia de acesso e permanência de todos na escola é a forma mais perversa e irredutível de exclusão social, pois é negado o direito elementar da cidadania. Para um projeto educativo baseado nos princípios da integração/inclusão devemos pensar numa renovação pedagógica que considere as diferenças.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Júlio. **Bullying no ambiente escolar**. Plan Brasil-2009. Disponível em spot:/www.infoescola.com.br. Acesso em 5 de mar. De 2014.

CHARLAN, Lédio. **Bullying: o que você precisa saber**. Rio de Janeiro: ed. Niterói. 2009.

CHALITA, Gabriel. **Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo. Ed: Alevel. 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, ed. Versus. 2005.

FANTE, Cleo, Pedra, José Augusto.

Bullying escolar: perguntas e respostas.

Porto Alegre: ed. Artmed. 2008.

GOLFREDO, Vera Lúcia Flor Sénéchal. **A escola como espaço inclusivo-PMG.p. 16.**

__**Como formar professores para uma escola inclusiva-PMG. p. 4 a 9.**

Gool. César. **Desenvolvimento psicológico necessidades educativas especiais e**

aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes médicas. 1995.

MELLO, Giomar. **Na aprendizagem fortalece o aluno.** São Paulo: ed. Abril. 2009.

PIAGET.J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: ed. Abril. 2009.